

Os Elementos da Paisagem Presentes nos Cartões Postais do Município de Canela/RS

Paula Carina Mayer da Silva ¹

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Resumo: A paisagem pode ser considerada um dos motores fundamentais do turismo. Embora ela seja, antes de tudo, imagem, que pode ser retratada pela fotografia e apresentada nos cartões postais. Diante disso, o objetivo desse estudo é apontar e descrever os elementos associados à paisagem presentes nos cartões postais do município de Canela/RS. Foram selecionados para o estudo os atrativos que se encontram na Estrada do Caracol, sendo eles: Castelinho Caracol, Parque Estadual do Caracol, Teleférico e Parque da Ferradura. Os dados foram tratados com análise de imagens e conteúdos, a partir de uma seleção de indicadores. Os resultados evidenciaram uma forte presença do elemento natural, como fator característico da paisagem do município, com predominância do elemento vegetação.

Palavras-chave: Turismo; Paisagem; Imagem; Cartão Postal; Canela/RS.

Introdução

A paisagem pode ser considerada “um dos motores fundamentais do turismo” (MENESES, 2002, p. 53), um de seus elementos essenciais (PIRES, 2002). Além do grande fascínio que desperta nas pessoas, como um fator de motivação e/ou atração, sabemos que, “os lugares turísticos geralmente são escolhidos e admirados por suas paisagens” (SILVA, 2004, p. 27).

Podemos considerar as paisagens, portadoras de significados, que expressam valores, crenças, mitos e utopias, revelando assim, uma dimensão simbólica, (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998) podendo ser “entendida como constitutiva e expressiva do caráter nacional” (MENESES, 2002, p. 41), sendo seu papel indiscutível enquanto componente de fixação de identidades nacionais.

Com isso, percebemos que o turismo se constitui como a única prática social que tem seu consumo efetivado por meio da apropriação do espaço e das suas formas de consumo, sejam elas: serviços de hospedagem, de restauração, de lazer, ou de bens como a paisagem, que se relaciona diretamente ao turista e ao lugar visitado (CRUZ, 2002).

¹ Mestranda em Turismo; Bacharel em Turismo (2011) pela Universidade de Caxias do Sul. Endereço eletrônico: silvapaulinha@hotmail.com.

Notamos isso, diante da importância que os cartões postais apresentam, que são, sem dúvida, “notória na medida em que contribuem para a promoção de territórios e destinos, servindo como recordações, comunicam sentimentos e reforçam laços sociais”. Tendo um “valor de mercado, mas também outro simbólico e de troca”. “O seu uso expressa as identidades em interação” (JAFFE *apud* PEREIRO, 2009, p. 65), tendo o “poder de evocar, de recriar memórias, territorializar as emoções e contribuir para a institucionalização da paisagem como um elemento da construção do olhar” (LÖFGREN *apud* PEREIRO, 2009, p. 66).

Diante do exposto, observamos que o município de Canela, ao longo de sua trajetória turística, alcançou marcos importantes para o desenvolvimento do setor. Dentre os quais podemos mencionar: em 1922, a chegada do trem; em 1944, sua emancipação; em 1960, a ligação asfáltica com os municípios de Nova Petrópolis e Gramado e em 1973, a abertura do Parque Estadual do Caracol, seu principal atrativo turístico (GOIDANICH, 1993).

Cabe ressaltar, que o município desde cedo, mostrou-se atrativo. Primeiramente, servindo de ponto de passagem para os tropeiros, que seguiam em direção a Região dos Campos de Cima da Serra ou que seguiam para a capital, e posteriormente, a primeira localidade do município a se desenvolver foi o Caracol, iniciando o processo pelo avanço da indústria da madeira, o que atraiu clientes da capital e tal crescimento aumentou a circulação de pessoas no município, florescendo também, o comércio e a hotelaria. E assim, as famílias da capital começaram a frequentar Canela assiduamente. Desse modo, podemos perceber esses deslocamentos, de alguma forma, iniciando quando os visitantes chegavam ao município atraídos por suas belas paisagens naturais (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANELA, 2011).

Diante disso, surgiu o seguinte questionamento, as imagens que consagraram Canela/RS como município turístico através dos cartões postais apresentam seus principais atrativos como elementos intrínsecos à paisagem, que originou o objetivo principal desse estudo, que se propõe a: apontar e descrever os elementos associados à paisagem presentes nos cartões postais do município de Canela/RS, norteando dessa forma, as temáticas que serão abordadas, trazendo à tona questões pertinentes a respeito desses temas.

Para a análise foi realizada uma consulta ao *site* da Prefeitura Municipal de Canela, identificando, seus atrativos turísticos. Dentre os quais, foram selecionados para o estudo os atrativos que se encontram na Estrada do Caracol, localidade que primeiramente desenvolveu o turismo no município. Após a consulta, os instrumentos básicos do trabalho foram às imagens apresentadas nos cartões postais do município, selecionados para tal fim e adotados como substitutos da paisagem. “Os dados foram tratados com análise de imagens e conteúdos”, “a partir de uma seleção de indicadores” (PIRES, 2002, p. 169).

O método de análise usado para o estudo da paisagem pode ser enquadrado nos métodos diretos, que se realizam “a partir da contemplação da totalidade da paisagem, pela visualização no local, ou pelo uso de fotografias, *slides*, vídeos e gravuras, dando origem a diferentes níveis de subjetividade durante o processo” (PIRES, 1993, p. 13).

A paisagem pode, dessa maneira, ser estudada como um aspecto externo de uma determinada área, podendo ser analisada através da sua formação natural, ou ainda pela interação de componentes e elementos naturais (CAVALCANTI; VIADANA, 2007).

Percebe-se, contudo que a imagem associada à paisagem, em suas variadas representações pode ser um meio de expressão e de comunicação que nos vincula as tradições mais antigas e ricas de nossa cultura (JOLY, 2010).

O cartão postal ao longo dos séculos

Os primórdios dos cartões postais situam-se no século X, quando os chineses passam a enviar cartões de felicitações aos seus familiares e amigos, mas o cartão postal, tal como o conhecemos hoje, foi inventado em 1869, pelo Prof. Emmanuel Hermann da Academia Militar de Viena e lançado na Áustria (JAFFE *apud* PEREIRO, 2009), era “uma espécie de cartão postal sem imagem, utilizado pelo Império Austro-Húngaro, como um sistema de correspondência de baixo custo, com a supressão do envelope a uma tarifa postal menor, mais conhecido como bilhete-postal” (BERGER *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 188).

“Em 1870, o francês Léon Besnardeau idealiza os primeiros postais ilustrados com temas militares, para satisfazer os muitos soldados acantonados na região de Bretanha” (JAFFE *apud* PEREIRO, 2009, p. 77), “ironicamente, o cartão postal que hoje

associamos as ideias de lazer e felicidade, tiveram como função inicial comunicar a amigos e parentes uma única notícia: a sobrevivência” (FRANCO, 2006, p. 27).

No Brasil, os bilhetes-postais chegaram aproximadamente em 1880 e tornaram-se muito difundidos. Nos anos de 1883 e 1884, por exemplo, a quantidade de bilhetes-postais representava mais de 40% do total de correspondências do Brasil. (BERGER *apud* NASCIMENTO, 2006).

Cabe ressaltar que, o fenômeno precursor do cartão postal paisagístico foi às vendas de vistas fotográficas urbanas, entre elas: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belém, São Paulo, Porto Alegre e Ouro Preto. “Fotógrafos que depois seriam os pioneiros da produção de postais, como Marc Ferrez e Guilherme Gaensly, costumavam vender vistas avulsas ou em álbuns” (VASQUEZ *apud* FRANCO, 2006, p. 31).

Vasquez (*apud* FRANCO, 2006, p. 32), nos traz um dado interessante e é unânime “em afirmar que os pioneiros “bilhetes-postais” brasileiros foram autorizados pelo Decreto 7.695, de 28 de abril de 1880, que regulava a circulação dessa nova forma de correspondência ao mesmo tempo em que assegurava ao Estado o monopólio de sua impressão”.

Em meados dos anos de 1900 surge o papel fotográfico industrializado no formato de cartão postal, trazendo impresso no verso o local apropriado para o endereçamento e a colagem de selo, com a menção *postcard*. Assim, muitos fotógrafos de pequenas cidades puderam fazer postais de interesse local o que garantia a expansão e difusão dos cartões postais para o interior do país (VASQUEZ *apud* FRANCO, 2006, p. 33).

Considera-se que, “a era clássica dos postais no Brasil compreende o período que vai de 1893 até 1930, coincidentemente, na transição entre o Império, de sustentação econômica eminentemente agrária, e a República, urbana e industrial” (VASQUEZ *apud* FRANCO, 2006, p. 33).

Embora, inicialmente fossem “impressos somente com gravuras, com o domínio da técnica da fotografia, a partir de 1891, os cartões postais passaram a apresentar, imagens fotográficas, principalmente de paisagens”, e tiveram rápida aceitação no mundo inteiro (MACHADO *apud* FRANCO, 2006).

Podemos dizer que o recurso técnico da fotografia, “deslocou a paisagem como cenário dos limites das telas das obras de arte e de um público seletivo e aristocrático para a

realidade da multiplicação das imagens em papel, disponíveis para um público muito mais amplo” (CASTRO, 2002, p. 121).

Comprovando essa passagem, pode-se notar que, a explosão das vendas de cartões postais ocorreu no final do século XIX, quando surgiu o primeiro postal souvenir que foi uma representação da Torre Eiffel realizada em decorrência da Exposição Universal de Paris em 1889 (ORVAR LÖGFREN *apud* PEREIRO, 2006), a princípio, os cartões postais foram muito associados ao colecionismo, contudo, a partir de 1960, eles se massificam e populariza-se o seu consumo turístico, “um período extremamente importante na formação da indústria do turismo, dos hábitos e comportamentos do turista e dos destinos enquanto locais de visitação e *tours*” (FRANCO, 2006, p. 34).

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, quando o postal vivia seu apogeu, consolidavam-se também os meios de transporte, entre eles, inicialmente os trens e navios a vapor e posteriormente os aviões comerciais e automóveis.

Essas condições aliadas às novas situações de trabalho que regulamentavam os períodos de férias e descanso criaram o ambiente ideal para o desenvolvimento do turismo entre as classes emergentes que encontravam no cartão postal um instrumento privilegiado e acessível de comunicação (VASQUEZ *apud* FRANCO, 2006, p. 28).

Desse modo, segundo Castro (2002, p. 121), podemos observar os meios de comunicação de massa multiplicaram ao infinito as possibilidades de se reproduzir e reprocessar imagens de paisagens e propagar um comportamento de contemplação estética, que, para Campos e Bodmer (*apud* FRANCO, 2006, p. 26) representam o início da “veiculação e do consumo plural de imagens, demonstrando o universal interesse pelo visual”.

Desde o princípio, os cartões postais estiveram ligados ao turismo e às viagens, seja de passeio ou com outro interesse, como científico, por exemplo. Os temas dos cartões eram os mais variados: retratos de artistas de destaque, crítica de costumes, temas ligados ao erotismo e à figura feminina, fotos de acidentes e catástrofes, temas comemorativos de exposições importantes, vistas de ruas, cidades e monumentos. Porém, desde o início, foi com vistas de cidades e monumentos ou crítica de costumes ligada a determinadas cidades, que os postais mais se notabilizaram. Tornaram-se verdadeiros retratos de cidades. E o cartão postal, pensado como retrato da cidade, aponta para as estratégias de turismo e de poder que são utilizadas em relação à urbe, como estratégias identitárias conscientes ou involuntárias, fazendo circular representações imbricadas no imaginário social da cidade em questão (NASCIMENTO, 2006, p. 188-189).

O fim da fase áurea dos cartões postais acontece no período imediatamente posterior a I Guerra Mundial. Ferido de morte no pós-guerra, o postal receberia seu golpe de

misericórdia na guerra seguinte. O período que vai de 1939 até 1960 é considerado o caso e a decadência da era clássica dos cartões postais (VASQUEZ *apud* FRANCO, 2006, p. 28-30). A partir da década de 70, dois tipos de postais contribuíram para o renascimento do gênero: os postais de fotógrafos/autores e aqueles reproduzindo obras de arte. Boyer (*apud* FRANCO, 2006, p. 30) afirma que o cartão postal perdeu sua antiga função informativa, para que, outros meios de comunicação mais rápidos, eficientes e práticos o substituíssem. Dessa forma, sua existência e sobrevivência se tornaram um fenômeno puramente turístico e social.

Paisagem e imagem: inter-relações com os cartões postais

“A paisagem é um dos muitos recursos mobilizados pelas atividades econômicas do turismo” (CASTRO, 2002, p. 128). E seus conceitos existentes, são derivados de diversas áreas do conhecimento como a arquitetura e a geografia, seus autores mais expressivos trazem contribuições bastante semelhantes, que compreendem “a paisagem como a porção visível do espaço geográfico” (CRUZ, 2002, p. 107), significando, portanto, “mais um modo de ver do que de agir” (YÁZIGI, 2002, p. 13).

Confirmando tal afirmação, Olivier Dollfus (*apud* CRUZ, 2002, p. 107-108), se refere às “paisagens como reflexos dos espaços, sua porção aparente”, e as classifica em naturais, modificadas e organizadas. Sendo assim, a natural, corresponde aquela que não foi submetida à ação do homem; a modificada, aquela que por alguma razão, sofreu alguma transformação provocada pelo homem e a organizada, representa aquela que é resultado de uma ação meditada, combinada e contínua sobre o meio ambiente.

Milton Santos (*apud* CRUZ, 2002, p. 108), por sua vez, se refere às paisagens como “arranjos de formas em um determinado momento”, o que reforça a ideia apresentada anteriormente, abordando a paisagem como porção visível do espaço, que dessa maneira, passa a constituir um dos mais importantes elementos da atratividade dos lugares para o turismo.

Em relação ao exposto, podemos perceber que a paisagem e o turismo se inter-relacionam de maneira abrangente, pois, “a paisagem é, sabidamente, um dos motores fundamentais do turismo” (MENESES, 2002, p. 53). Embora, essa, apresente aspectos particulares, que nos fazem compreender como se estreita, a ligação existente entre essas duas esferas.

Para Nicolás (*apud* CRUZ, 2002, p. 109), o turismo como atividade humana “é a única que aproveita o espaço tanto por seu valor paisagístico como pelas condições ambientais que prevalecem (clima, hidrologia, vegetação etc)”.

Ampliando as abordagens sobre a paisagem, apontamos os elementos que a constituem, sendo apresentados em quatro variáveis, que são: topografia (forma da terra), vegetação, clima (água) e *habitat* (estrutura e elementos artificiais).

- Topografia (forma da terra), se refere às diferentes formas que a crosta terrestre pode adotar, sendo um dos extremos a planície e o outro as altas montanhas, passando por uma série de formações intermediárias que por suas singularidades podem se converter no elemento paisagístico que mais chama a atenção [tradução nossa] (BOULLÓN, 1997, p. 104), podendo também ser “representado pelo relevo e pelas formas do terreno, sua disposição e sua natureza” (BOMBIN *apud* PIRES, 2002, p. 167).

- Vegetação, nas paisagens que abarcam um panorama extenso, atuam como uma “vestimenta” da topografia e podem se converter no elemento principal para as visões próximas que se tem quando se entra e se circula por uma floresta, uma área cultivada ou uma área ondulada coberta de flores silvestres [tradução nossa] (BOULLÓN, 1997, p. 104), apresentada pelas “distintas formas de vida vegetal (árvores, arbustos e vegetação herbácea) com suas características específicas, sua distribuição, densidade etc” (BOMBIN *apud* PIRES, 2002, p. 167).

- Clima (água), outro componente complementar muito importante, porque serve para conhecer em que época do ano e em que hora do dia cada paisagem encontra sua plenitude estética. Por outro lado, o clima pode mudar o aspecto de uma paisagem até fazê-la perder suas qualidades, como ocorre com a neblina ou com as nuvens que em algumas épocas do ano cobrem as montanhas ou os vales, impedindo sua visibilidade. Outras vezes a chuva pode atrapalhar a visita a um atrativo natural, ou a neve pode fazer de uma simples visita a um local uma experiência inesquecível, para um turista que nunca antes tinha presenciado um fenômeno atmosférico [tradução nossa] (BOULLÓN, 1997, p. 104-105), aqui se destaca principalmente “as formas de água superficial (mares, rios, lagos, neve e gelo), sua disposição, monotonia e movimento” (BOMBIN *apud* PIRES, 2002, p. 167).

- Habitat (estruturas e elementos artificiais), apresenta de um lado as formas de vida em cada lugar e seu efeito sobre a natureza, e de outro, as condições ecológicas que

requerem as espécies selvagens e plantas locais para sua existência [tradução nossa] (BOULLÓN, 1997, p. 105), pode ser apresentada também como “as estruturas espaciais criadas por diferentes tipos de usos do solo ou construções diversas de caráter pontual, linear ou superficial” (BOMBIN *apud* PIRES, 2002, p. 167).

Assim, percebemos o quanto “as ideias sobre a paisagem são diretamente vinculadas aos conceitos de *habitat* e, principalmente, de espaço” (MACEDO, 2002, p. 185).

Com isso, conseguimos notar, que “a paisagem é, antes de tudo, imagem” (CASTRO, 2002, p. 121), usada também, para “designar a percepção geral que uma pessoa ou uma coletividade fazem de um determinado objeto, em que este último pode ser uma pessoa, uma empresa ou qualquer tipo de organização” (VAZ, 2001, p. 95), nesse caso específico, uma localidade.

Contudo, essa ideia deve ser entendida em um sentido mais amplo, englobando não apenas ideias verbais, mas também visuais e sonoras, entre outras.

O encantamento ante a beleza de uma paisagem retratada em uma fotografia, um relato informal de um amigo que visitou a cidade, um clima de mistério que acompanha as referências que as pessoas fazem a uma rua ou a um bairro da cidade, o perfume das flores que ornamentam os jardins da localidade, o sabor de um prato típico, todo esse conjunto entra na composição da imagem (VAZ, 2001, p. 96).

E essa imagem, pode ser formada pelo acúmulo de impressões, das mais variadas possíveis, que a pessoa possui da localidade.

Complementando o pensamento exposto, podemos observar que, “a correlação da paisagem com a imagem é visceral”. E que a “paisagem e a representação de paisagem muitas vezes se equivalem no senso comum, particularmente quando o suporte é a pintura (gravura) ou a fotografia” (MENESES, 2002, p. 34).

Embora, a fotografia mostre o real no estado passado, a ela se fornece um estatuto de verdade que outras formas de representação não possuem. E “essa veracidade é transferida ao postal de tal maneira que ele se torna uma imagem-gêmea da cidade, servindo de testemunha da presença do viajante naquela cidade ou de um desejo de presença do possível viajante que lá quer estar” (NASCIMENTO, 2006, p. 189-190).

Com isso, percebemos que os postais e as viagens são dois companheiros inseparáveis. Cativando pessoas que não colecionam postais, mas compram vários, nas cidades que visitam, para guardar junto aos álbuns de fotos. Ou seja, voltam com centenas de

fotografias das viagens, mas também compram postais, principalmente de vistas aéreas, para melhor situar onde estiveram para visualizar melhor os locais por onde passaram para mostrar aos amigos e familiares com riqueza de detalhes tudo o que foi visto. (DALTOZO *apud* FRANCO, 2006).

Sendo assim, as fotografias presentes nos postais podem não representar a realidade, mas a partir da relação entre os elementos simbólicos presentes na imagem e a sociedade da época de sua produção e consumo torna-se possível chegar à mensagem ou as mensagens que o cartão postal é portador. Embora, ele seja sempre um ponto de vista em relação ao real, carregando determinados valores e mensagens bem-estabelecidas. (NASCIMENTO, 2006). Contudo,

nem sempre o cartão utiliza fotografias contemporâneas da cidade retratada. Há utilização de fotografias históricas, tipos humanos ou obras artísticas. Entretanto, em todos esses casos, há uma relação entre os temas presentes no cartão postal e os interesses simbólicos de afirmação de determinadas representações, explícitas ou implícitas, por aqueles que o produziram (NASCIMENTO, 2006, p. 192-193).

O município de Canela/RS e seus atrativos turísticos da Estrada do Caracol

O município de Canela possui grande parte da sua economia girando em torno do turismo. Beneficiando-se de aspectos relacionados à geografia, como o relevo que é bastante variado e bem acentuado, a vegetação que se caracteriza pela presença da mata de araucária, porém em pontos mais baixos pode ser encontrada também a mata atlântica e o clima que é denominado subtropical úmido temperado, com temperaturas variando de 22°C no verão podendo chegar abaixo de 0°C no inverno.

Entre os atrativos selecionados temos:

Castelinho Caracol: localizado na estrada do Caracol, de propriedade da família Franzen, foi edificado em 1913, todo em madeira de araucária, pinheiro típico da região com sistema de encaixes e parafusos, sem o uso de pregos. A construção possui forma de um pequeno castelo e possui na parte interna quartos, sala de jantar, sala de música, banheiro, cozinha e quarto de costura, já na parte externa possui a primeira casa da família, serraria, galpões, armazém dos serradores e as casas de imigrantes alemães. Preservando os móveis e utensílios da época dos seus moradores, funciona como museu

desde 1985, servindo o famoso *apfelstrudel* (torta de maçã), e conta também, com loja e armazém (CASTELINHO CARACOL, 2012).

Figura 1 – Cartão postal Castelinho Caracol



Fonte: Arthur Schuch (sem data)

Parque Estadual do Caracol: localizado a 7 km do centro do município, foi inaugurado em 1973, possui como atração principal a Cascata do Caracol, uma queda d'água de 131 m, além dela, conta com outros atrativos como lojas de artesanato, observatório ecológico, mirante, escadaria, passeio de trem e Centro Histórico Ambiental do Parque Estadual do Caracol.

Figura 2 – Cartão postal Parque Estadual do Caracol



Fonte: Harry Schuch (sem data)

Teleférico: localizado na estrada do Caracol, alguns metros após o Parque Estadual do Caracol, está inserido em uma área de 59 ha, seu equipamento possui 830 m, o teleférico leva a um mirante com vista frontal para a Cascata do Caracol e o Vale da Lageana. O parque possui também belvederes, *playground* e trilhas ecológicas (TELEFÉRICO CANELA, 2012).

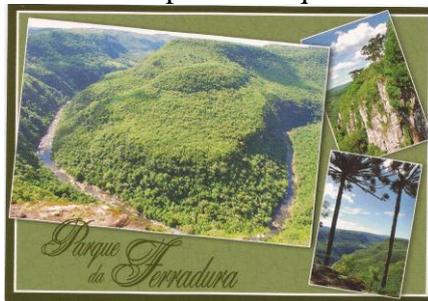
Figura 3 – Cartão postal Teleférico



Fonte: Harry Schuch (sem data)

Parque da Ferradura: localizado na estrada do Caracol, a 13 km do centro do município, conta com 4 trilhas ecológicas e 3 mirantes, de onde pode ser observados o rio Caí em forma de ferradura e a cascata do arroio Caçador, em um *canyon* de 420 m de profundidade, compreende uma área de aproximadamente 200 ha, onde pode-se encontrar muitos animais silvestres, e entre eles, os quatis (VALE DA FERRADURA, 2012).

Figura 4 – Cartão postal Parque da Ferradura



Fonte: Harry Schuch (sem data)

Os postais de Canela/RS

A análise se desenvolveu sobre os cartões postais selecionados, totalizando quatro paisagens, Castelinho Caracol, Parque Estadual do Caracol, Teleférico e Parque da Ferradura.

O primeiro cartão postal analisado foi o do Castelinho Caracol:

- Elemento denominado topografia (forma da terra): não apresentou grande relevância, contendo poucas variações no terreno;

- Elemento denominado vegetação: apresenta-se dominante, recebendo destaque as árvores, os pinheiros e as flores, chamando a atenção, pelo contraste entre suas formas e cores;

- Elemento denominado clima (água): não foi verificada incidência desse elemento;

- Elemento denominado *habitat* (estrutura e elementos artificiais): apresenta também dominância na paisagem analisada, dando destaque a construção em forma de castelo que se apresenta como foco do cartão postal.

O próximo a ser analisado foi o do Parque Estadual do Caracol:

- Elemento denominado topografia (forma da terra): apresentou grande relevância, pois nota-se a forte presença de um paredão rochoso, estando em alguns momentos coberto pela vegetação;

- Elemento denominado vegetação: outro elemento dominante nesse cartão postal, recebendo destaque as formas vegetais de pinheiros e árvores, mantendo constante interação com o elemento analisado acima;

- Elemento denominado clima (água): segundo elemento a apresentar grande importância, por tratar-se de uma queda d'água, exibida no cartão postal com um enorme volume de água;

- Elemento denominado *habitat* (estrutura e elementos artificiais): não há ocorrência desse elemento na análise em questão.

Seguindo a análise, Teleférico:

- Elemento denominado topografia (forma da terra): pouca relevância do elemento, sendo apresentada apenas uma pequena porção do paredão rochoso ao fundo;

- Elemento denominado vegetação: demonstra importante relevância em relação aos outros elementos, uma vez que, aparece representada em grande parte da paisagem, recebendo destaque os pinheiros e outras árvores, com uma interessante sobreposição de tons de verde em relação à vegetação;

- Elemento denominado clima (água): esse elemento também recebeu pouca relevância, embora esteja apresentando uma queda d'água que se encontra fora do foco principal do cartão postal;

- Elemento denominado *habitat* (estrutura e elementos artificiais): apresenta maior relevância nesse cartão postal, onde se pode verificar a presença das cadeiras do equipamento, com toda sua estrutura metálica colorida, que recebe destaque por estar

posicionada no centro da paisagem, sendo o foco, no canto inferior direito, pode-se perceber o trajeto feito pelo equipamento até chegar a sua plataforma de observação, outra interferência humana na paisagem.

E por fim, o último postal analisado foi o do Parque da Ferradura, esse cartão postal demonstra uma peculiaridade, por apresentar três imagens fotográficas, em formatos diferentes, formando uma espécie de mosaico de paisagens, contudo, as três imagens fotográficas foram analisadas conjuntamente:

- Elemento denominado topografia (forma da terra): apresenta-se com destaque em uma das imagens fotográficas, onde mais uma vez, pode-se verificar a presença de um paredão rochoso, as outras duas imagens apresentam relevo insignificante, porém se percebe que a forma apresentada é bastante irregular;
- Elemento denominado vegetação: esse elemento é o único que apresenta dominância nas três imagens fotográficas que compõem a paisagem desse cartão postal, novamente se destaca os pinheiros e a constante presença de árvores nativas, até mesmo no paredão rochoso;
- Elemento denominado clima (água): aparece com pouca predominância em uma das imagens fotográficas, sendo composta de um rio onde se pode visualizar a presença de muitas pedras, as outras duas não apresentam esse elemento;
- Elemento denominado *habitat* (estrutura e elementos artificiais): não houve ocorrência desse elemento no cartão postal analisado.

Considerações finais

Como resultado, podemos perceber a forte presença do elemento natural, como fator característico da paisagem do município, com predominância do elemento vegetação que recebeu destaque em todos os cartões postais analisados, com predomínio de formas vegetais características da região como os pinheiros e a própria vegetação nativa. Os outros elementos também aparecem, embora com menor incidência, topografia (formas da terra), clima (água) e *habitat* (estrutura e elementos artificiais), apresentando suas especificidades em cada um dos cartões postais.

Afinal,



não é qualquer parte da cidade que se torna cartão postal, mas sim, aquelas que possuem representatividade suficiente para isso. Aquilo que se chama representatividade significa que possui valor suficiente para ser apresentada como imagem típica daquela cidade aos olhos dos produtores e consumidores de cartões postais. (NASCIMENTO, 2006, p. 190).

Uma vez que, o cartão-postal pode ser visto “como um importante elemento de documentação da história, da atividade turística, do destino turístico, dos hábitos e das práticas associados ao turismo” (FRANCO, 2006, p. 34), sendo capaz de registrar, divulgar e cristalizar paisagens, consolidando as imagens turísticas dos municípios. Os cartões postais permitem “guardar uma imagem de uma realidade sempre em permanente mutação”. Suas imagens “refletem identidades sócio espaciais e contribuem para a construção da ideia de paisagem como atração do olhar turístico” (PEREIRO, 2009, p. 77-78).

Porém, é interessante observar, que estamos vivendo no século das inovações, onde a cada dia, novos equipamentos eletrônicos surgem com tecnologias cada vez mais avançadas, entretanto, se observarmos ao nosso redor, poderemos perceber que as novas tecnologias estão compartilhando espaço com “velhos hábitos”, como no caso dos cartões postais, que, apesar de podermos hoje fotografar as paisagens através de inúmeros recursos eletrônicos disponíveis, entre eles: câmeras digitais, telefones celulares, *IPAD*, ainda podemos encontrar em certas localidades, lojas que comercializam os famosos cartões postais tão utilizados em outrora. E, “provavelmente, por esse motivo, superem seu caráter descartável e sobrevivam ao longo dos anos enquanto outros elementos de registro da vida cotidiana são eliminados” (FRANCO, 2006, p. 35).

Referências

BOULLÓN, Roberto C. **Planificación del espacio turístico**. 3. ed. México: Trillas, 1997.

CASTELINHO CARACOL. Disponível em: <<http://www.castelinhocaracol.com.br/pt>>
Acesso em: agosto 2012.

CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

CAVALCANTI, Agostinho; VIADANA, Adler Guilherme. **Organização do espaço e análise da paisagem**. Rio Claro: UNESP – IGCE, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e percepções. **MÉTIS: história & cultura**. v. 5, n. 9, p. 25-62, jan./jun. 2006.

GOIDANICH, Oswaldo. A saga do turismo no Rio Grande do Sul. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (Org.). **Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MACEDO, Silvio Soares. Paisagem, turismo e litoral. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

NASCIMENTO, Dorval do. Retratos da urbe: a cidade vista no cartão-postal (Criciúma/SC, anos 70). **MÉTIS: história & cultura**. v. 5, n. 9, p. 187-204, jan./jun. 2006.

PEREIRO, Xerardo. Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Tenerife: ACA e PASOS, RTPC, 2009.

PIRES, Paulo dos Santos. **Avaliação da qualidade visual da paisagem na região carborífera de Criciúma – SC**. 1993. 105 f. Dissertação (Pós-graduação em Engenharia Florestal) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Curitiba, 1993.

_____. Paisagem litorânea de Santa Catarina como recurso turístico. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANELA. Disponível em: <<http://www.canela.rs.gov.br/site2009/site/content/canela/>> Acesso em: maio 2011.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Aleph, 2004.

TELEFÉRICO CANELA. Disponível em: <<http://www.canelateleferico.com.br/>> Acesso em: agosto 2012.

VALE DA FERRADURA. Disponível em: <<http://www.valedaferradura.com.br/>>
Acesso em: agosto 2012.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing turístico**: receptivo e emissor: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados. São Paulo: Pioneira, 2001.

YÁZIGI, Eduardo. A importância da paisagem. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.